

A generosidade do Capibaribe



A afirmação de nossa identidade pernambucana foi construída historicamente a partir de diversos acontecimentos, ambientes e expressões. Dentre os elementos importantes, jamais esquecemos de citar o rio Capibaribe, símbolo de nossa cultura. Além de cortar cidades importantes como Santa Cruz do Capibaribe, Toritama, Limoeiro, Paudalho, São Lourenço da Mata e Camaragibe, ao chegar em sua foz determina o espaço urbano do Recife, presenteando a cidade com uma bela paisagem de pontes e águas. Como seria o Recife sem a rua

do Sol, sem a rua da Aurora?

Do vale do Capibaribe, populações indígenas se consolidaram garantindo água e alimento. De suas várzeas, portugueses transformaram Pernambuco num dos maiores produtores de açúcar do mundo. De suas margens, holandeses construíram sua defesa e uma cidade. Rio que contribuiu com a cultura e a compreensão de nossa gente: De João Cabral de Mello Neto a Manuel Bandeira, de Gilberto Freyre a Josué de Castro, de Manoel Correia de Andrade a Chico Science, entre tantos nomes que afirmaram sua grandeza, suas condições e suas relações com o humano.

Para compreender sua importância, uma equipe de 14 pessoas percorreu seus 270 quilômetros de Poção ao Recife, da nascente à foz, agregando gente ao longo do caminho na Expedição Capibaribe. Além do mapeamento socioambiental, cultural e econômico das relações humanas com o rio, a Expedição também visou a comunicação, educação e articulação através de mostra de vídeos nas ruas de 8 cidades, debates em escolas de 9 municípios e audiências públicas em 6 câmaras de vereadores.

Ao influenciar 42 municípios cortados por afluentes e pelo rio principal, a bacia hidrográfica do Rio Capibaribe é benevolente e garante água a cerca de 2 milhões de habitantes das cidades de Pernambuco. Também potencializa a economia e as relações sociais de quase 1,5 milhão de habitantes a partir da produção rural da cana de açúcar, mandioca, milho, abacaxi, feijão, horticultura, pesca, pecuária bovina e avicultura; da agroindústria do açúcar e do álcool, do tecido, das confecções, do comércio e do artesanato.

A Expedição deparou-se com um rio generoso que, além de garantir a sobrevivência de sua gente, recebe todos os seus dejetos de matadouros, lixões, bem como esgotos urbanos e industriais. Apesar disso, ao sair mortificado das cidades, em seu percurso purifica-se através de um processo natural de oxigenação de suas águas, decantação e decomposição dos resíduos.

A despeito de sua generosidade, o Capibaribe aceita as águas de outros rios, por vezes mais limpos, contribuindo com sua melhoria, por vezes mais poluídos, aumentando sua degradação (como o Caiari que vem de Surubim, ou o Caçatuba de Passira). Assim, o rio que já foi das Capivaras, encontra-se carregado de contradições: rio que traz a vida (repleto de nascentes), mas também a morte (ver as condições dos matadouros que lançam nele seus dejetos diretamente); que é riqueza e pobreza (com famílias morando em lixões na maioria das cidades), onde se vê desperdício de água comungando com situações de escassez (com localidades em que famílias recebem 200 litros de água à cada 15 dias).

No curso do Capibaribe encontram-se áreas com potenciais de preservação, mas também locais onde a degradação chega ao limite. Áreas que garantem a limpeza e que são depósitos de sujeira (como os caminhões limpa-fossas que descarregam dejetos em afluentes próximos); que trazem alegria e tristeza, onde viu-se exemplos de consciência e cuidado, mas também de extremo desrespeito a partir da retirada clandestina de areia. Nesse curso, ao mesmo tempo em que populações dão as costas ao rio, fazendo dele suas latrinas, a Expedição encontrou exemplos importantes de atenção e respeito, através de atividades educativas, criação de parques e

reflorestamentos, pontuais, mas importantes.

Rio que é claro e que é sujo, que traz saúde e doença, que é esquecido, mas que também é lembrado pela necessidade de visibilidade. No mesmo rio onde o acesso foi negado, em muitos locais, por cercas, constatou-se a expressiva solidariedade em relação ao acesso à água de populações vulneráveis. Neste caminho, é importante ainda destacar os impactos da urbanização acelerada, do uso do solo desordenado nas margens, da destruição da mata ciliar e da utilização de agrotóxicos sem controle.

Ao constatar a importância e os problemas do rio, a Expedição ressalta o direito à água como direito à vida, demanda o fortalecimento do Comitê Gestor da Bacia do Rio Capibaribe como órgão fundamental à sua revitalização e expressa a necessidade de despoluição e o reflorestamento das margens dos rios e nascentes. Para tanto é necessária a construção de um plano diretor participativo visando sua revitalização. Cada iniciativa encontrada ao longo do caminho expressa uma vontade de começar e demonstra a necessidade de uma grande conjunção de esforços que garanta a vitalidade e reforce a generosidade deste rio tão pernambucano.

Alexandre Ramos

Especialista em Gestão de recursos hídricos e coordenador da expedição Capibaribe